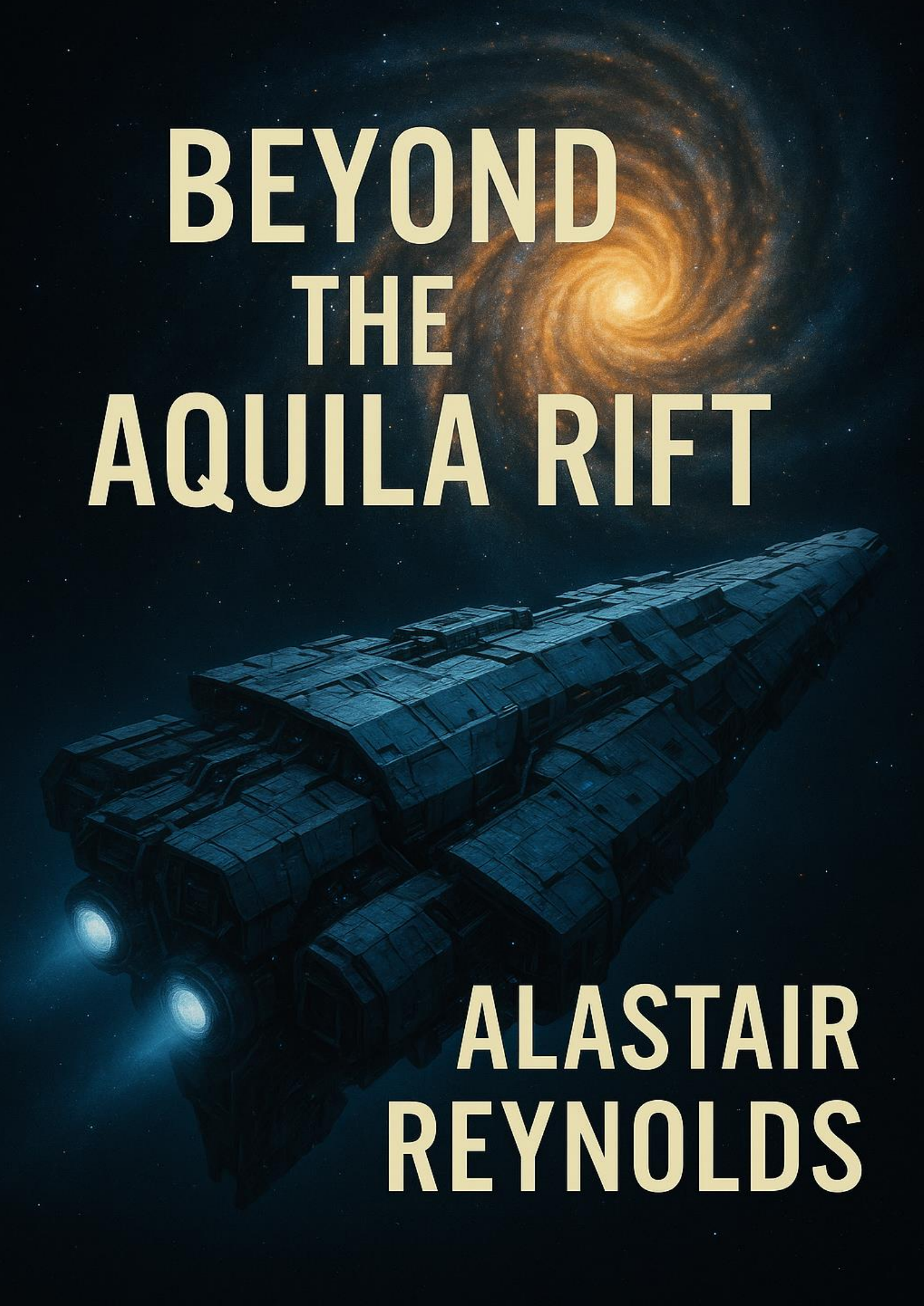
BEYOND THE AQUILA RIFT



ALASTAIR REYNOLDS

Além da Fenda de Áquila

Beyond the Aquila Rift

Autor original: Alastair Reynolds

Tradução: IA DeepSeek

Capa: IA Sora

Revisão e edição: nvicton

Agosto de 2025

“Esta tradução é um trabalho derivado não comercial. Direitos autorais do texto original pertencem a Alastair Reynolds e seus editores. Para uso comercial ou republicação ampliada, favor contatar o detentor dos direitos.”

ALÉM DA FENDA DE ÁQUILA

GRETA ESTÁ comigo quando tiro Suzy do tanque de imersão.

"Por que ela primeiro?" Greta pergunta.

"Porque quero ela fora primeiro", digo, imaginando se Greta está com ciúmes. Não a culpo: Suzy é linda, mas também inteligente. Não há uma operadora de sintaxe melhor na Ashanti Industrial.

"O que aconteceu?" Suzy pergunta, quando supera a sonolência. "Conseguimos voltar?"

Peço que me diga a última coisa que lembra.

"Alfândega", Suzy diz. "Aqueles idiotas em Arkangel."

"E depois disso? Mais alguma coisa? As runas? Lembra-se de lançá-las?"

"Não", ela diz, então percebe algo na minha voz. O fato de eu talvez não disser a verdade, ou contando tudo que ela precisa saber. "Thom. Vou perguntar de novo. Conseguimos voltar?"

"Sim", digo. "Conseguimos voltar."

Suzy olha para o panorama estelar, pintado a ar em seu tanque de imersão em tons luminosos de violeta e amarelo. Ela o personalizara em Carillon. Era contra os regulamentos: algo sobre a tinta entupir os filtros de admissão. Suzy não ligava. Disse-me que custara uma semana de salário, mas valera a pena para impor sua personalidade na arquitetura cinza e padronizada da nave.

"Engraçado como sinto que fiquei naquela coisa por meses."

Encolho os ombros. "É assim que se sente às vezes."

"Então nada deu errado?"

"Nada mesmo."

Suzy olha para Greta. "Então quem é você?" ela pergunta.

Greta não diz nada. Apenas me olha com expectativa. Começo a tremer e percebo que não consigo enfrentar isso. Ainda não.

"Termina", digo a Greta.

Greta avança em direção a Suzy. Suzy reage, mas não é rápida o suficiente. Greta tira algo do bolso e toca o antebraço de Suzy. Suzy cai como um boneco, desmaiada. Colocamo-la de volta no tanque de imersão, reconectamos e fechamos a tampa.

"Ela não vai se lembrar de nada", Greta diz. "A conversa não saiu da memória de curto prazo dela."

"Não sei se consigo enfrentar isso", digo.

Greta me toca com a outra mão. "Ninguém nunca disse que isso seria fácil."

"Só estava tentando introduzir a verdade gradualmente. Não queria contar tudo de uma vez."

"Eu sei", Greta diz. "Você é um homem gentil, Thom." Então ela me beija.

* * *

EU TAMBÉM ME lembrava de Arkangel. Foi mais ou menos quando tudo começou a dar errado. Só não sabíamos na época.

Perdemos nosso primeiro horário de decolagem quando a alfândega encontrou uma discrepância na nossa guia de carga. Não era grave, mas demoraram um pouco para perceber o erro. Quando perceberam, já sabíamos que ficaríamos no solo por mais oito horas, enquanto o controle de entrada processava uma frota de cargueiros.

Contei a novidade a Suzy e Ray. Suzy levou relativamente bem, ou tão bem quanto Suzy costumava levar esse tipo de coisa. Sugeri que ela aproveitasse o tempo para vasculhar as doces em busca de patches de sintaxe quentes. Qualquer coisa que economizasse um dia ou dois na viagem de volta.

"Autorizado pela empresa?" ela perguntou.

"Não ligo", disse.

"E o Ray?" Suzy perguntou. "Ele vai ficar aqui tomando chá enquanto eu trabalho pelo meu salário?"

Sorri. Eles tinham uma relação de amor e ódio, cheia de brigas. "Não, Ray também pode fazer algo útil. Ele pode dar uma olhada nos q-aviões."

"Não há nada de errado com esses aviões", Ray disse.

Tirei meu velho boné da Ashanti Industrial, cocei minha careca e virei-me para o encarregado do guindaste.

"Certo. Então não vai demorar muito para verificar, vai?"

"Tanto faz, Capitão."

O que eu gostava no Ray era que ele sempre sabia quando havia perdido uma discussão. Ele pegou seu kit e saiu para verificar os aviões. Observei-o subir a escada do guindaste, ferramentas penduradas no cinto. Suzy pegou sua máscara facial, seu longo casaco preto e saiu, desaparecendo na névoa vaporosa das docas, os saltos de suas botas ecoando na distância muito depois de ela ter sumido de vista.

Saí do Blue Goose, caminhando na direção oposta à de Suzy. Acima de nós, os cargueiros deslizavam um após o outro. Você os ouvia muito antes de vê-los. Gemidos lamentáveis e cetáceos cortavam as nuvens amarelo-mijadas sobre o porto. Quando emergiam, você via cascos escuros marcados e cicatrizados pelas protuberâncias angulares dos padrões de sintaxe, guindastes e q-aviões recolhidos para o pouso e trens de pouso agarrados como garras. Os cargueiros paravam sobre os poços designados e desciam com um grito de impulso. Passarelas de atracação fechavam-se em torno deles como dedos esqueléticos. Dinossauros de manuseio de carga saíam mansamente de seus cercados, alguns autônomos, outros ainda montados por treinadores. Houve um silêncio chocante quando os motores se calaram, até que o próximo cargueiro começou a se aproximar pelas nuvens.

Sempre gostei de ver naves chegando e partindo, mesmo quando estavam segurando minha própria nave no solo. Não conseguia ler a sintaxe, mas sabia que essas naves tinham vindo diretamente da Fenda. A Fenda de Áquila é o ponto mais distante que alguém já foi. Na velocidade média do túnel, fica a um ano do centro da Bolha Local.

Estive lá fora uma vez na vida. Vi a vista do lado próximo da Fenda, como um bom turista. Foi longe o suficiente para mim.

Quando houve uma pausa no padrão de pouso, entrei num bar e encontrei uma cabine da Autoridade de Abertura que aceitava crédito da Ashanti. Sentei-me na cadeira

e gravei uma mensagem de trinta segundos para Katerina. Disse-lhe que estava a caminho de casa, mas que estávamos presos em Arkangel por mais algumas horas. Avisava que o atraso poderia se propagar até nosso roteamento no túnel, dependendo de quão ocupadas as coisas estivessem do lado da Autoridade. Com base na experiência passada, uma espera de oito horas no solo poderia se tornar uma espera de dois dias no ponto de imersão. Disse que voltaria, mas ela não deveria se preocupar se eu chegasse alguns dias atrasado.

Lá fora, um diplodoco passou cambaleando com um contêiner de carga amarrado entre as pernas.

Disse a Katerina que a amava e mal podia esperar para voltar para casa.

Enquanto caminhava de volta para o Blue Goose, pensei na mensagem disparando à minha frente. Transmitida à velocidade da luz para o sistema superior, depois copiada para o buffer de memória da próxima nave de saída. Provavelmente, aquela nave específica não estava indo para Barranquilla ou qualquer lugar perto disso. A Autoridade de Abertura teria que retransmitir a mensagem de nave em nave até que ela alcançasse seu destino. Eu poderia até chegar a Barranquilla antes dela, mas em todos os meus anos de atrasos, isso só acontecera uma vez. O sistema funcionava bem.

Acima de nós, um transatlântico branco fora encaixado entre os cargueiros. Levantei minha máscara para vê-lo melhor. Levei um sopro de ozônio, combustível e esterco de dinossauro. Era Arkangel, sem dúvida. Você não poderia confundi-lo com qualquer outro lugar na Bolha. Havia quatrocentos mundos lá fora, até uma dúzia de portos de superfície em cada planeta, e nenhum deles cheirava mal exatamente da mesma maneira.

"Thom?"

Seguir a voz. Era Ray, parado perto da doca.

"Terminou de verificar esses aviões?" perguntei.

Ray balançou a cabeça. "É sobre isso que eu queria falar. Eles estavam um pouco desalinhados, então—já que vamos ficar aqui oito horas—decidi fazer uma recalibração completa."

Assenti com a cabeça. "Essa era a ideia. Então qual é o problema?"

"O problema é que uma vaga acabou de abrir. A torre diz que podemos decolar em trinta minutos."

Encolhi os ombros. "Então decolamos."

"Não terminei a recalibração. Do jeito que está, as coisas estão piores do que antes de eu começar. Decolar agora não seria uma boa ideia."

"Você sabe como a torre funciona", eu disse. "Perder duas vagas oferecidas, você pode ficar no solo por dias."

"Ninguém quer voltar para casa mais rápido do que eu", Ray disse.

"Então anime-se."

"Ela vai ser dura no túnel. Não vai ser uma viagem tranquila para casa."

Encolhi os ombros. "Nós nos importamos? Estaremos dormindo."

"Bem, é acadêmico. Não podemos partir sem a Suzy."

Ouvi saltos de botas se aproximando. Suzy saiu da névoa, puxando sua própria máscara para o lado.

"Nada de bom com os macacos das runas", ela disse. "Nada que eles estavam vendendo que eu já não tivesse visto um milhão de vezes. Malditos cowboys."

"Não importa", eu disse. "Vamos partir de qualquer maneira."

Ray praguejou. Fingi não ter ouvido.

* * *

EU SEMPRE ERA o último a entrar em um tanque de imersão. Nunca adormecia até ter certeza de que estávamos prestes a receber o sinal verde. Isso me dava a chance de verificar tudo. As coisas sempre podem dar errado, não importa quão boa seja a tripulação.

O Blue Goose parara perto do farol da AA que marcava o ponto de imersão. Havia algumas outras naves à nossa frente na fila, além do habitual enxame de naves de serviço da AA. Através de uma bolha de observação, pude ver as naves maiores partindo uma a uma. Acelerando à potência máxima, pareciam disparar em direção a uma parte completamente vazia do céu. Seus guindastes estavam abertos, e as linhas suaves de seus cascos estavam nodosas e desfiguradas com as runas crípticas da sintaxe de roteamento. A vinte gees, era como se uma mão invisível enorme as arrancasse para a distância. Noventa segundos depois, haveria um flash verde pálido a mil quilômetros de distância.

Virei-me na bolha. Havia os símbolos abreviados de nossa sintaxe de roteamento. Cada runa do script era formada por uma matriz de milhões de plaquetas hexagonais. As plaquetas estavam sobre motores para que pudessem ser empurradas para dentro ou para fora do casco.

Pergunte à Autoridade de Abertura e eles dirão que a sintaxe agora é totalmente compreendida. Isso é verdade, mas só até certo ponto. Após dois séculos de estudo, as máquinas humanas agora podem construir e interpretar a sintaxe com uma taxa de falha aceitavelmente baixa. Dado um destino desejado, elas podem montar uma sequência de runas que quase sempre será aceita pela própria maquinaria da abertura. Além disso, elas quase sempre podem garantir que o roteamento desejado seja o que a maquinaria da abertura fornecerá.

Resumindo, você geralmente chega onde quer.

Pegue uma transferência simples de ponto a ponto, como a rota Hauraki. Nesse caso, não há desvantagem real em usar geradores de sintaxe automáticos. Mas para trajetórias mais longas—aquelas que podem envolver seis ou sete trânsitos entre hubs de abertura—as máquinas perdem a vantagem. Elas encontram uma solução, mas geralmente não é a ideal. É aí que entram os operadores de sintaxe. Pessoas como Suzy têm uma compreensão intuitiva das soluções de sintaxe. Elas sonham com runas. Quando veem um script mal construído, sentem como dor de dente. Isso as ofende.

Um bom operador de sintaxe pode economizar dias em uma rota. Para uma empresa como a Ashanti Industrial, isso pode fazer muita diferença.

Mas eu não era um operador de sintaxe. Podia dizer quando algo dava errado com as plaquetas, mas tinha que confiar que Suzy fizera seu trabalho. Não tinha outra escolha.

Mas eu sabia que Suzy não estragaria as coisas.

Virei-me e olhei para o outro lado. Agora que estávamos no espaço, os q-aviões haviam sido implantados. Eles estavam balançados para fora do casco em guindastes triplos de cem metros de comprimento, como os braços de um gancho. Verifiquei se estavam travados em suas posições totalmente estendidas e se as luzes de status estavam todas verdes. Os guindastes eram área do Ray. Ele estava verificando o alinhamento dos q-aviões em forma de esqui quando ordenei que fechasse a nave e se preparasse para decolar. Não conseguia ver nenhuma indicação visível de que estivessem desalinhados, mas, novamente, não precisaria de muito para tornar nossa viagem para casa mais turbulenta que o normal. Mas, como eu dissera ao Ray, quem se importava? O Blue Goose podia aguentar um pouco de turbulência no túnel. Ele foi construído para isso.

Verifiquei o ponto de imersão novamente. Apenas três naves à nossa frente.

Voltei aos tanques de imersão e verifiquei se Suzy e Ray estavam bem. O tanque de Ray fora personalizado na mesma época que o de Suzy. Estava cheio de imagens do que Suzy chamava de BVM: a Bendita Virgem Maria. A BVM estava sempre em um traje espacial, carregando um pequeno Jesus também de traje espacial. Seus capacetes eram auréolas douradas pintadas a ar. A arte tinha um aspecto barato e apressado. Supus que Ray não gastara tanto quanto Suzy.

Rapidamente, despi-me até minha roupa íntima. Conectei-me ao meu próprio tanque de imersão sem pintura e fechei a tampa. O gelo de amortecimento respingou. Em cerca de vinte segundos, já estava me sentindo sonolento. Quando o controle de tráfego desse o sinal verde, eu estaria dormindo.

Já fiz isso mil vezes. Não havia medo, nenhuma apreensão. Apenas um pequeno lampejo de arrependimento.

Nunca vi uma abertura. Então, novamente, poucas pessoas viram.

Testemunhas relatam um pedaço de asteroide condrito escuro em forma de rosquinha, com cerca de dois quilômetros de diâmetro. Toda a seção do meio foi escavada, com a parte interna do anel voltada para a maquinaria quixótica da própria abertura. Dizem que a maquinaria de q-matéria pisca e se move o tempo todo, como os ponteiros internos de um relógio muito complicado. Mas os sistemas de monitoramento da Autoridade de Abertura não detectam movimento algum.

É tecnologia alienígena. Não temos ideia de como funciona, ou mesmo de quem a fez. Talvez, em retrospecto, seja melhor não poder vê-la.

É o suficiente sonhar, e então acordar, e saber que você está em outro lugar.

* * *

TENTE UMA ABORDAGEM diferente, diz Greta. Conte a verdade desta vez. Talvez ela aceite melhor do que você pensa.

"Não tem como eu contar a verdade."

Greta encosta um quadril na parede, uma mão ainda no bolso. "Então conte algo parcialmente verdadeiro."

Desconectamos Suzy e a tiramos do tanque de imersão.

"Onde estamos?" ela pergunta. Depois, para Greta: "Quem é você?"

Pergunto-me se um pouco da última conversa escapou da memória de curto prazo de Suzy afinal.

"Greta trabalha aqui", digo.

"Onde é aqui?"

Lembro-me do que Greta me dissera. "Uma estação no setor Schedar."

"Não é onde deveríamos estar, Thom."

Assino com a cabeça. "Eu sei. Houve um erro. Um erro de roteamento."

Suzy já está balançando a cabeça. "Não havia nada de errado—"

"Eu sei. Não foi sua culpa." Ajudo-a a vestir suas roupas de nave. Ela ainda está tremendo, seus músculos reagindo ao movimento após tanto tempo no tanque. "A sintaxe estava boa."

"Então o quê?"

"O sistema cometeu um erro, não você."

"Setor Schedar..." Suzy diz. "Isso nos colocaria cerca de dez dias fora do cronograma, não seria?"

Tento lembrar o que Greta me dissera da primeira vez. Eu deveria saber isso de cor, mas Suzy é a especialista em roteamento, não eu. "Parece certo", digo.

Mas Suzy balança a cabeça. "Então não estamos no setor Schedar."

Tento parecer agradavelmente surpreso.

"Não estamos?"

"Eu estive naquele tanque por muito mais do que alguns dias, Thom. Eu sei. Posso sentir em cada osso maldito do meu corpo. Então onde estamos?"

Viro-me para Greta. Não acredito que isso esteja acontecendo de novo.

"Termina", digo.

Greta avança em direção a Suzy.

* * *

VOCÊ CONHECE AQUELE clichê "assim que acordei, sabia que tudo estava errado"? Provavelmente já ouviu mil vezes, em mil bares pela Bolha, onde tripulações de naves trocam histórias altas sobre cerveja subsidiada pela empresa. O problema é que às vezes é exatamente assim que acontece. Nunca me senti bem depois de um período no tanque de imersão. Mas a única vez que me senti perto de tão mal foi depois daquela viagem que fiz à borda da Bolha.

Pensando nisso, mas sabendo que não poderia fazer nada até sair do tanque, levei meia hora de trabalho doloroso para me libertar das conexões. Cada fibra muscular do meu corpo parecia ter sido desfiada. Infelizmente, a sensação de erro não terminou com o tanque. O Blue Goose estava quieto demais. Deveríamos estar nos afastando da última abertura de saída após nosso roteamento. Mas o ruído distante e reconfortante dos motores de fusão não estava lá. Isso significava que estávamos em queda livre.

Não era bom.

Flutuei para fora do tanque, agarrei uma alça de mão e me virei para ver os outros dois tanques. A maior BVM de Ray olhava radiante para mim do capô de seu tanque. Os índices biológicos estavam todos verdes. Ray ainda estava inconsciente, mas não

havia nada de errado com ele. O mesmo com Suzy. Algum sistema automatizado decidira que eu era o único que precisava acordar.

Alguns minutos depois, eu estava na mesma bolha de observação que usara para verificar a nave antes da imersão. Empurrei minha cabeça para a meia-cúpula de vidro arranhada e olhei ao redor.

Tínhamos chegado a algum lugar. O Blue Goose estava sentado em uma enorme baia de estacionamento de gravidade zero. A câmara era um cilindro alongado, hexagonal em seção transversal. As paredes eram um borrão de maquinaria de serviço: módulos baixos, linhas umbilicais sinuosas, os berços de atracação não utilizados recolhidos. Para qualquer lado que olhasse, via outras naves travadas em berços. Todo tipo e classe que se possa imaginar, toda configuração possível de design de casco compatível com transições de abertura. Luzes de serviço lançavam um brilho dourado e quente na cena. De vez em quando, toda a câmara era banida pelo piscar violeta intermitente de uma tocha de corte.

Era uma instalação de reparo.

Eu estava começando a refletir sobre isso quando vi algo se estender da parede da câmara. Era um túnel de atracação telescópico, agarrando-se à nossa nave. Através das janelas laterais do túnel, vi figuras flutuando, puxando-se mão sobre mão.

Suspirei e comecei a me dirigir à eclusa de ar.

* * *

QUANDO CHEGUEI à eclusa, eles já haviam passado pelo primeiro estágio do ciclo. Nada de errado com isso—não havia motivo para impedir a entrada de partes estrangeiras em uma embarcação—mas foi um pouco indelicado. Mas talvez eles presumissem que estávamos todos dormindo.

A porta deslizou aberta.

"Você está acordado", um homem disse. "Capitão Thomas Gundlupet do Blue Goose, não é?"

"Acho que sim", eu disse.

"Importa-se se entrarmos?"

Eram cerca de meia dúzia deles, e eles já estavam entrando. Todos usavam macacões ocre um pouco desgastados, com muitos logotipos de empresas. Minhas suspeitas aumentaram. Eu realmente não gostava da forma como eles estavam invadindo.

"O que foi?" eu disse. "Onde estamos?"

"Onde você acha?" o homem disse. Ele tinha o rosto cheio de barba por fazer, com dentes amarelos ruins. Fiquei impressionado com isso. Ter dentes ruins dava muito trabalho hoje em dia. Fazia anos que eu não via alguém com a mesma dedicação à arte.

"Estou realmente esperando que você não vá me dizer que ainda estamos presos no sistema Arkangel", eu disse.

"Não, você passou pelo portão."

"E?"

"Houve uma confusão. Erro de roteamento. Você não saiu pela abertura correta."

"Oh, Cristo." Tirei meu boné da Ashanti Industrial. "Nunca chove. Algo deu errado com a inserção, certo?"

"Talvez. Talvez não. Quem sabe como essas coisas acontecem? Tudo o que sabemos é que você não deveria estar aqui."

"Certo. E onde é 'aqui'?"

"Estação Saumlaki. Setor Schedar."

Ele disse como se já estivesse perdendo o interesse, como se fosse uma rotina que ele repetia várias vezes ao dia.

Ele poderia estar perdendo o interesse. Eu não estava.

Nunca ouvira falar da Estação Saumlaki, mas certamente ouvira falar do setor Schedar. Schedar era uma supergigante K em direção à borda da Bolha Local. Definia um dos setenta e tantos setores de navegação em toda a Bolha.

Eu já mencionei a Bolha?

* * *

VOCÊ SABE COMO a Via Láctea se parece; você já a viu mil vezes, em pinturas e simulações de computador. Um bojo central brilhante no núcleo galáctico, com braços espirais curvados preguiçosamente saindo desse centro, cada braço composto de centenas de bilhões de estrelas, variando das anãs de queima lenta e fracas às supergigantes mais quentes à beira da extinção por supernova.

Agora amplie um braço da Via Láctea. Lá está o sol, amarelo-alaranjado, cerca de dois terços para fora do centro da galáxia. Faixas e dobras de poeira envolvem o sol a distâncias de dezenas de milhares de anos-luz. No entanto, o próprio sol está sentado bem no meio de um buraco de quatrocentos anos-luz de largura na poeira, uma bolha em que a densidade é cerca de um vigésimo de seu valor médio.

Essa é a Bolha Local. É como se Deus tivesse soprado um buraco na poeira só para nós.

Exceto, é claro, que não foi Deus. Foi uma supernova, cerca de um milhão de anos atrás.

Olhe mais longe, e há mais bolhas, suas paredes se cruzando e fundindo, formando uma vasta estrutura semelhante a espuma de dezenas de milhares de anos-luz de diâmetro. Existem as estruturas do Loop I e Loop II e o Anel Lindblad. Há até nós superdensos onde a poeira é quase espessa demais para ser vista. Véus negros como as nuvens escuras de Touro ou Rho-Ophiuchi, ou a própria Fenda de Áquila.

Situada fora da Bolha Local, a Fenda é o ponto mais distante da galáxia que já viajamos. Não é uma questão de resistência ou nervosismo. Simplesmente não há como ir além dela, pelo menos não dentro da rede mais rápida que a luz das ligações de abertura. O labirinto de rotas possíveis simplesmente não vai mais longe. A maioria dos destinos—incluindo a maioria dos que estão no itinerário do Blue Goose—nem sequer o levam além da Bolha Local.

Para nós, não importava. Ainda há muito comércio que você pode fazer dentro de cem anos-luz da Terra. Mas Schedar estava bem na periferia da Bolha, onde a densidade

da poeira começava a aumentar para níveis galácticos normais, duzentos e vinte e oito anos-luz da Mãe Terra.

Novamente: não era bom.

"Eu sei que isso é um choque para você", outra voz disse. "Mas não é tão ruim quanto você pensa."

* * *

OLHEI PARA A mulher que acabara de falar. Estatura média, o tipo de rosto que chamam de 'elfinado', com olhos cinza-ardósia inclinados e um corte de cabelo curto e reto na altura dos ombros, branco-cromo.

O rosto dolorosamente familiar.

"Não é?"

"Eu não diria isso, Thom." Ela sorriu. "Afinal, nos deu a chance de colocar as conversas em dia, não foi?"

"Greta?" eu perguntei, incrédulo.

Ela acenou com a cabeça. "Por meus pecados."

"Meu Deus. É você, não é?"

"Não tinha certeza se você me reconheceria. Especialmente depois de todo esse tempo."

"Você não teve muita dificuldade em me reconhecer."

"Não precisei. No momento em que você apareceu, captamos seu transponder de recuperação. Disse-nos o nome de sua nave, quem a possuía, quem a pilotava, o que você estava carregando, para onde deveria estar indo. Quando ouvi que era você, garanti que fizesse parte da equipe de recepção. Mas não se preocupe. Não é como se você tivesse mudado muito."

"Bem, você também não", eu disse.

Não era bem verdade. Mas quem honestamente quer ouvir que parecem dez anos mais velhos do que da última vez que você os viu, mesmo que ainda não pareçam tão ruins com isso? Pensei em como ela parecia nua, memórias que mantivera enterradas por uma década entrando na luz do dia. Envergonhou-me que ainda fossem tão vívidas, como se uma parte furtiva do meu subconsciente as estivesse secretamente acumulando através de anos de casamento e fidelidade.

Greta sorriu levemente. Era como se ela soubesse exatamente o que eu estava pensando.

"Você nunca foi um bom mentiroso, Thom."

"Sim. Acho que preciso de prática."

Houve um silêncio constrangedor. Nenhum de nós parecia saber o que dizer a seguir. Enquanto hesitávamos, os outros flutuavam ao nosso redor, calados.

"Bem", eu disse. "Quem diria que acabaríamos nos encontrando assim?"

Greta acenou com a cabeça e ofereceu as palmas das mãos em uma espécie de pedido de desculpas.

"Sinto muito apenas por não estarmos nos encontrando em circunstâncias melhores", ela disse. "Mas se serve de consolo, o que aconteceu não foi culpa sua.

Verificamos sua sintaxe, e não houve erro. Só que de vez em quando o sistema dá um problema."

"Engraçado como ninguém gosta muito de falar sobre isso", eu disse.

"Poderia ter sido pior, Thom. Lembro-me do que você me contava sobre viagens espaciais."

"Sim? Qual pérola de sabedoria seria essa?"

"Se você está em posição de reclamar de uma situação, não tem direito de reclamar."

"Cristo. Eu realmente disse isso?"

"Mmm. E aposto que você está se arrependendo agora. Mas olhe, realmente não é tão ruim. Você está apenas vinte dias fora do cronograma." Greta acenou com a cabeça em direção ao homem que tinha os dentes ruins. "Kolding diz que você só precisará de um dia de reparo de danos antes de poder partir novamente, e depois mais vinte, vinte e cinco dias antes de chegar ao seu destino, dependendo dos padrões de roteamento. Isso é menos de seis semanas. Então você perde o bônus neste. Grande coisa. Vocês estão todos em boa forma, e sua nave só precisa de um pouco de trabalho. Por que você simplesmente não engole o sapo e assina a papelada do reparo?"

"Há algo mais também."

"O que?"

Eu estava prestes a contar-lhe sobre Katerina, como ela estaria esperando que eu voltasse já. Em vez disso, disse: "Estou preocupado com os outros. Suzy e Ray. Eles têm famílias esperando por eles. Eles ficarão preocupados."

"Eu entendo", Greta disse. "Suzy e Ray. Eles ainda estão dormindo, não estão? Ainda em seus tanques de imersão?"

"Sim", eu disse, cautelosamente.

"Mantenha-os assim até que você esteja a caminho." Greta sorriu. "Não há sentido em preocupá-los com suas famílias também. É mais gentil."

"Se você diz."

"Confie em mim nisso, Thom. Esta não é a primeira vez que lido com esse tipo de situação. Duvido que seja a última também."

* * *

FIQUEI EM UM hotel durante a noite, em outra parte de Saumlaki. O hotel era uma estrutura pré-fabricada ecoante e multinível, afundada profundamente no leito rochoso. Deve ter tido capacidade para centenas de hóspedes, mas no momento apenas um punhado dos quartos parecia estar ocupado. Dormi inquieto e acordei cedo. No átrio, vi um trabalhador de boné e luvas de borracha removendo carpas doentes de um pequeno lago ornamental. Observando-o pegar os peixes doentes, metálico-alaranjados, tive um flash de déjà vu. O que havia em hotéis sombrios e carpas morrendo?

Antes do café da manhã—lúcido, embora não me sentisse como se tivesse dormido bem—visitei Kolding e obtive uma atualização do cronograma de reparos.

"Dois, três dias", ele disse.

"Foi um dia ontem à noite."

Kolding encolheu os ombros. "Se você tem um problema com o serviço, encontre outra pessoa para consertar sua nave."

Então ele enfiou o dedo mindinho no canto da boca e começou a cavar entre os dentes.

"Bom ver alguém que realmente gosta do seu trabalho", eu disse.

Saí de Kolding antes que meu humor piorasse demais, indo para uma parte diferente da estação.

Greta sugerira que nos encontrássemos para o café da manhã e colocássemos as conversas em dia. Ela estava lá quando cheguei, sentada a uma mesa em um terraço "ao ar livre", sob uma cobertura listrada de vermelho e branco, bebendo suco de laranja. Acima de nós havia uma cúpula de várias centenas de metros de largura, projetando um céu holográfico sem nuvens. Tinha o azul duro, esmaltado do verão.

"Como está o hotel?" ela perguntou depois que pedi um café ao garçom.

"Nada mal. Ninguém parece muito interessado em conversa, porém. Sou eu ou aquele lugar tem toda a ambiência alegre de um transatlântico afundando?"

"É só este lugar", Greta disse. "Todo mundo que vem aqui está irritado com isso. Ou foram transferidos para cá e estão irritados com isso, ou acabaram aqui por um erro de roteamento e estão irritados com isso. Escolha."

"Ninguém está feliz?"

"Só os que sabem que vão sair daqui em breve."

"Isso incluiria você?"

"Não", ela disse. "Estou mais ou menos presa aqui. Mas estou bem com isso. Acho que sou a exceção que confirma a regra."

Os garçons eram manequins de vidro, do tipo que estava na moda nos mundos centrais cerca de vinte anos atrás. Um deles colocou um croissant na minha frente, depois derramou café preto escaldante na minha xícara.

"Bem, é bom vê-la", eu disse.

"Você também, Thom." Greta terminou seu suco de laranja e depois pegou um pedaço do meu croissant para si, sem pedir. "Ouvi dizer que você se casou."

"Sim."

"Bem? Não vai me falar sobre ela?"

Bebi um pouco do meu café. "O nome dela é Katerina."

"Belo nome."

"Ela trabalha no departamento de biorremediação em Kagawa."

"Filhos?" Greta perguntou.

"Ainda não. Não seria fácil, com o tempo que ambos passamos longe de casa."

"Mmm." Ela tinha a boca cheia de croissant. "Mas um dia você pode pensar nisso."

"Nada está descartado", eu disse. Tão lisonjeado quanto eu estava por ela estar tão interessada em mim, a precisão cirúrgica de suas perguntas me deixou um pouco desconfortável. Não havia ataque e defesa; nenhuma pesca de informações. Esse tipo de franqueza me perturbava. Mas pelo menos me permitia fazer as mesmas perguntas. "E você, então?"

"Nada muito emocionante. Casei-me um ano mais ou menos depois que nos vimos pela última vez. Um homem chamado Marcel."

"Marcel", eu disse, ruminativamente, como se o nome tivesse significado cósmico. "Bem, fico feliz por você. Presumo que ele também esteja aqui?"

"Não. Nosso trabalho nos levou em direções diferentes. Ainda somos casados, mas..." Greta deixou a frase pairando.

"Não deve ser fácil", eu disse.

"Se fosse para funcionar, teríamos encontrado um jeito. De qualquer forma, não sinta muita pena de nenhum de nós. Ambos temos nosso trabalho. Não diria que estou menos feliz do que da última vez que nos encontramos."

"Bem, isso é bom", eu disse.

Greta se inclinou e tocou minha mão. Suas unhas eram pretas como a meia-noite com um brilho azul.

"Olhe. Isso é realmente presunçoso da minha parte. Uma coisa é pedir para nos encontrarmos para o café da manhã. Teria sido rude não fazer. Mas como você gostaria de nos encontrarmos novamente mais tarde? É muito agradável jantar aqui à noite. Eles diminuem as luzes. A vista através da cúpula é realmente algo."

Olhei para aquele céu holográfico sem fim.

"Achei que fosse falso."

"Oh, é", ela disse. "Mas não deixe que isso estrague para você."

* * *

ME SENTEI NA frente da câmera e comecei a falar.

"Katerina", eu disse. "Olá. Espero que você esteja bem. Até agora, espero que alguém da empresa tenha entrado em contato. Se não, tenho certeza que você já fez suas próprias investigações. Não sei o que eles lhe disseram, mas prometo que estamos seguros e salvos e que estamos voltando para casa. Estou ligando de um lugar chamado Estação Saumlaki, uma instalação de reparo na borda do setor Schedar. Não é grande coisa: apenas um labirinto de túneis e centrífugas escavadas em um asteroide tipo D, completamente escuro, cerca de meio ano-luz da estrela mais próxima. A única razão para estar aqui é porque acontece de haver uma abertura ao lado. Foi assim que chegamos aqui em primeiro lugar. De alguma forma, o Blue Goose tomou uma curva errada na rede, o que eles chamam de erro de roteamento. O Goose chegou ontem à noite, horário local, e estou em um hotel desde então. Não liguei ontem à noite porque estava muito cansado e desorientado depois de sair do tanque, e não sabia quanto tempo ficaríamos aqui. Pareceu melhor esperar até de manhã, quando teríamos uma ideia melhor dos danos à nave. Não é nada sério—apenas algumas peças entortadas durante o trânsito—mas significa que ficaremos aqui por mais alguns dias. Kolding—ele é o chefe de reparos—diz três no máximo. Quando voltarmos ao curso, no entanto, estaremos cerca de quarenta dias atrasados."

Pausei, observando o indicador de custo incrementando. Antes de me sentar na cabine, sempre tinha um discurso eloqüente e econômico na cabeça, um que transmitisse exatamente o que precisava ser dito, com a medida e a graça de um

solilóquio. Mas minha mente sempre secava assim que abria a boca, e em vez de um ator, acabava parecendo um ladrão de pequeno porte, inventando algum álibi desajeitado na presença de interrogadores rápidos.

Sorri desajeitadamente e continuei: "Me mata pensar que esta mensagem vai demorar tanto para chegar até você. Mas se há um lado positivo, é que não estarei muito atrás dela. Quando você receber isso, eu já devo ter saído da Estação Saumlaki há alguns dias. Então não desperdice dinheiro respondendo a isso, porque quando você receber, eu já terei saído da Estação Saumlaki. Apenas fique onde está e prometo que estarei em casa logo."

Era isso. Não havia mais nada que eu precisasse dizer, além de: "Sinto sua falta." Entregue após uma pausa, eu quis que soasse enfático. Mas quando reproduzi a gravação, pareceu mais uma reflexão tardia.

Poderia tê-la gravado novamente, mas duvidava que ficaria mais feliz. Em vez disso, apenas comprometi a mensagem existente para transmissão e me perguntei quanto tempo ela teria que esperar antes de seguir seu caminho. Como parecia improvável que houvesse um fluxo vasto de comércio dentro e fora de Saumlaki, nossa nave poderia ser a primeira embarcação adequada de saída.

Saí da cabine. Por alguma razão, me senti culpado, como se de alguma forma tivesse sido negligente. Demorei um pouco antes de perceber o que estava pesando na minha mente. Eu dissera a Katerina sobre a Estação Saumlaki. Eu até dissera a ela sobre Kolding e os danos ao Blue Goose. Mas não dissera a ela sobre Greta.

* * *

NÃO ESTÁ FUNCIONANDO com Suzy.

Ela é muito esperta, muito bem sintonizada com os correlatos fisiológicos da imersão no tanque. Posso dar-lhe todas as garantias do mundo, mas ela sabe que esteve submersa por muito tempo para que isso seja algo além de uma falha verdadeiramente épica. Ela sabe que não estamos falando apenas de semanas ou até meses de atraso aqui. Cada nervo em seu corpo está gritando essa mensagem em seu crânio.

"Tive sonhos", ela diz, quando a sonolência passa.

"Que tipo?"

"Sonhos em que eu continuava acordando. Sonhos em que você estava me tirando do tanque de imersão. Você e outra pessoa."

Faço o melhor para sorrir. Estou sozinho, mas Greta não está longe. A seringa hipodérmica está no meu bolso agora.

"Sempre tenho pesadelos ao sair do tanque", digo.

"Estes pareciam reais. Sua história mudava, mas você continuava me dizendo que estávamos em algum lugar... que havíamos saído um pouco do curso, mas que não havia nada com que se preocupar."

Tanto para a garantia de Greta de que Suzy não se lembraria de nada depois de nossas tentativas frustradas de acordá-la. Parece que sua memória de curto prazo não é tão falível quanto gostaríamos.

"É engraçado você dizer isso", eu digo a ela. "Porque, na verdade, estamos um pouco fora do curso."

Ela fica mais afiada a cada respiração. Suzy sempre foi a melhor de nós ao sair do tanque.

"Diga-me o quão longe, Thom."

"Mais longe do que eu gostaria."

Ela cerra os punhos. Não sei se é agressão ou algum efeito neuromuscular residual de seu tempo no tanque. "Quão longe? Além da Bolha?"

"Além da Bolha, sim."

Sua voz fica pequena e infantil.

"Diga, Thom. Estamos além da Fenda?"

Posso ouvir o medo. Entendo pelo que ela está passando. É o pesadelo que todas as tripulações de naves vivem em cada viagem. Que algo dê errado com o roteamento, algo tão severo que elas acabem na própria borda da rede. Que acabem tão longe de casa que voltar leve anos, não meses. E que, é claro, anos já terão passado, mesmo antes de começarem a viagem de volta.

Que entes queridos estarão anos mais velhos quando chegarem em casa.

Se eles ainda estiverem lá. Se ainda se lembrarem de você, ou quiserem se lembrar. Se ainda forem reconhecíveis, ou vivos.

Além da Fenda de Áquila. É uma abreviação para a viagem que ninguém espera fazer por acidente. Aquela que vai arruinar o resto de sua vida, aquela que cria os fantasmas que você vê assombrando as sombras dos bares da empresa em toda a Bolha. Homens e mulheres arrancados do tempo, à deriva de famílias e amantes por um acidente de uma tecnologia alienígena que usamos, mas mal compreendemos.

"Sim", eu digo. "Estamos além da Fenda."

Suzy grita, franzindo o rosto em uma máscara de raiva e negação. Minha mão está fria em torno da seringa hipodérmica. Considero usá-la.

* * *

UMA NOVA ESTIMATIVA de reparo de Kolding. Cinco, seis dias.

Desta vez nem discuti. Apenas encolhi os ombros e saí, e me perguntei quanto tempo levaria da próxima vez.

Naquela noite, sentei-me à mesma mesa onde Greta e eu nos encontráramos no café da manhã. A área de jantar estivera bem iluminada antes, mas agora a única iluminação vinha das luminárias da mesa e das luzes suaves embutidas no pavimento. À distância, um manequim de vidro passava de mesa vazia em mesa vazia, tocando "Astúrias" em um violão de vidro. Não havia outros clientes jantando naquela noite.

Não precisei esperar muito por Greta.

"Desculpe pelo atraso, Thom."

Virei-me para ela enquanto ela se aproximava da mesa. Gostava do jeito que ela andava na baixa gravidade da estação, do jeito que a iluminação suave traçava a curva de seus quadris e cintura. Ela sentou-se e inclinou-se para mim como uma conspiradora.

A lâmpada da mesa lançava sombras vermelhas e destaques dourados em seu rosto. Tirou dez anos de sua idade.

"Você não está atrasada", eu disse. "E de qualquer forma, eu tinha a vista."

"É uma melhora, não é?"

"Isso não seria dizer muito", eu disse com um sorriso. "Mas sim, é definitivamente uma melhora."

"Eu poderia ficar sentada aqui a noite toda só olhando para ela. Na verdade, às vezes é exatamente o que faço. Só eu e uma garrafa de vinho."

"Não a culpo."

Em vez do azul holográfico, a cúpula estava agora cheia de estrelas. Era como nenhuma vista que eu já tivesse visto de outra estação ou nave. Havia estrelas furiosas azul-brancas embutidas no que parecia lençóis de veludo. Havia gemas douradas duras e manchas vermelhas suaves, como marcas de dedos em pastel. Havia correntes e correntes de estrelas mais fracas, como uma miríade de peixes neon capturados em um instantâneo de movimento congelado. Havia imensos cenários de fundo ondulantes de nuvens vermelhas e verdes, nervuradas e marcadas por filamentos de preto frio. Havia penhascos e promontórios de poeira ocre, tão ricos em estrutura tridimensional que se assemelhavam a um exuberante impasto de cores a óleo; contornos de anos-luz de espessura aplicados com uma espátula. Estrelas vermelhas ou rosadas queimavam através da poeira como lanternas. Mundos órfãos eram capturados emergindo das torres, pequenas formas semelhantes a esperma arrastando vísceras de poeira. Aqui e ali vi os pequenos nós semelhantes a olhos de sistemas solares em nascimento. Havia pulsares, piscando como faróis de navegação, seus ritmos diferentes parecendo estabelecer um ritmo solene para toda a cena, como uma valsa mortalmente lenta. Parecia haver detalhes demais para uma vista, uma abundância opressora de riqueza, e ainda assim, não importava para que direção olhasse, havia mais para ver, como se a cúpula sentisse minha atenção e concentrasse seus esforços no ponto onde meu olhar estava direcionado. Por um momento, senti uma sensação vertiginosa, e—embora tentasse impedir antes de fazer papel de bobo—me vi agarrando a lateral da mesa, como para evitar cair nas profundezas infinitas da vista.

"Sim, tem esse efeito nas pessoas", Greta disse.

"É lindo", eu disse.

"Você quer dizer lindo ou aterrorizante?"

Percebi que não tinha certeza. "É grande", foi tudo que pude oferecer.

"Claro, é falso", Greta disse, sua voz suave agora que estava inclinada mais perto. "O vidro da cúpula é inteligente. Ele exagera o brilho das estrelas, para que o olho humano registre as diferenças entre elas. Caso contrário, as cores não são irrealistas. Tudo o mais que você vê também é bastante preciso, se você aceitar que certas frequências foram deslocadas para a banda visível, e a escala de certas estruturas foi ajustada." Ela apontou características para minha edificação. "Essa é a borda da Nuvem Escura de Touro, com as Plêiades apenas aparecendo. Esse é um filamento da Bolha Local. Você vê aquele aglomerado aberto?"

Ela esperou que eu respondesse. "Sim", eu disse.

"Essas são as Híades. Lá você tem Betelgeuse e Bellatrix."

"Estou impressionado."

"Você deveria estar. Custou muito dinheiro." Ela recostou-se um pouco, para que as sombras caíssem sobre seu rosto novamente. "Você está bem, Thom? Parece um pouco distraído."

Eu suspiro.

"Acabei de receber outro prognóstico de seu amigo Kolding. Isso é o suficiente para estragar o dia de qualquer um."

"Lamento por isso."

"Há algo mais também", eu disse. "Algo que me incomoda desde que saí do tanque."

Um manequim veio pedir nosso pedido. Deixei Greta escolher por mim.

"Você pode falar comigo sobre isso, seja o que for", ela disse, quando o manequim se foi.

"Não é fácil."

"Algo pessoal, então? É sobre Katerina?" Ela mordeu a língua. "Não, desculpe. Eu não deveria ter dito isso."

"Não é sobre Katerina. Não exatamente, de qualquer maneira." Mas mesmo enquanto dizia, sabia que, de certa forma, era sobre Katerina, e quanto tempo levaria antes de nos vermos novamente.

"Continue, Thom."

"Isso vai soar bobo. Mas me pergunto se todo mundo está sendo sincero comigo. Não é só o Kolding. É você também. Quando saí daquele tanque, senti o mesmo que senti quando estive na Fenda. Pior, se é que isso é possível. Senti como se estivesse no tanque por muito, muito tempo."

"Às vezes é assim que se sente."

"Eu conheço a diferença, Greta. Confie em mim nisso."

"Então o que você está dizendo?"

O problema era que eu não tinha muita certeza. Uma coisa era sentir uma vaga sensação de desconforto sobre quanto tempo eu estivera no tanque. Outra era sair e acusar minha anfitriã de mentir. Especialmente quando ela fora tão hospitaleira.

"Há alguma razão para você mentir para mim?"

"Deixa disso, Thom. Que tipo de pergunta é essa?"

Assim que eu disse, também me pareceu absurdo e ofensivo. Desejei poder reverter o tempo e começar de novo, ignorando minhas dúvidas.

"Desculpe", eu disse. "Estúpido. Apenas coloque na conta de biorritmos bagunçados, ou algo assim."

Ela estendeu a mão sobre a mesa e pegou minha mão, como fizera no café da manhã. Desta vez, ela continuou segurando-a.

"Você realmente se sente mal, não é?"

"Os joguinhos do Kolding não estão ajudando, com certeza." O garçom trouxe nosso vinho, colocando-o, a garrafa tilintando contra seus dedos de vidro delicadamente articulados. O manequim serviu duas taças e eu provei a minha. "Talvez se eu tivesse alguém da minha tripulação para reclamar sobre tudo isso, não me sentiria tão mal. Sei

que você disse que não deveríamos acordar Suzy e Ray, mas isso foi antes de uma parada de um dia se transformar em uma semana."

Greta encolheu os ombros. "Se você quiser acordá-los, ninguém vai impedi-lo. Mas não pense em negócios da nave agora. Não vamos estragar uma noite perfeita."

Olhei para o panorama estelar. Estava intensificado, com a intensidade cintilante e louca de uma paisagem noturna de Van Gogh.

Fazia você se sentir bêbado e extático apenas olhando para ele.

"O que poderia estragá-la?" eu perguntei.

* * *

O QUE ACONTECEU É que eu bebi muito vinho e acabei dormindo com Greta. Não tenho certeza de quanto o vinho representou para ela. Se seu relacionamento com Marcel estava com tantos problemas quanto ela dera a entender, então obviamente ela tinha menos a perder do que eu. Sim, isso tornava tudo certo, não é? Ela a sedutora, seu próprio casamento um desastre, eu a vítima indefesa. Eu falhara, sim, mas não era realmente minha culpa. Eu estivera sozinho, longe de casa, emocionalmente frágil, e ela me explorara. Ela me amaciará com uma refeição romântica, sua armadilha já armada.

Exceto que tudo isso era uma bobagem autojustificadora, não era? Se meu próprio casamento estivesse em tão grande forma, por que eu falhara em mencionar Greta quando liguei para casa? Na época, justificara essa omissão como um ato de bondade para com minha esposa. Katerina não sabia que Greta e eu já tínhamos sido um casal. Mas por que preocupar Katerina mencionando outra mulher, mesmo que eu fingisse que nunca nos conhecêramos antes?

Exceto—agora—eu podia ver que eu falhara em mencionar Greta por outro motivo inteiramente. Porque no fundo da minha mente, mesmo então, houvera a possibilidade de que acabássemos dormindo juntos.

Eu já estava me protegendo quando liguei para Katerina. Já me certificando de que não haveria perguntas embaraçosas quando eu chegasse em casa. Como se eu não apenas soubesse o que ia acontecer, mas secretamente ansiasse por isso.

O único problema era que Greta tinha outra coisa em mente.

* * *

"THOM", GRETA DISSE, cutucando-me para acordar. Ela estava deitada nua ao meu lado, apoiada em um cotovelo, com os lençóis amarrotados em torno de seus quadris. A luz em seu quarto a transformava em uma abstração de curvas azuis leitosas e sombras violetas profundas. Com um dedo de unha preta, ela traçou uma linha pelo meu peito e disse: "Há algo que você precisa saber."

"O quê?" eu perguntei.

"Eu menti. Kolding mentiu. Todos nós mentimos."

Eu estava muito sonolento para que suas palavras tivessem muito mais do que um efeito vagamente perturbador. Tudo o que pude dizer, novamente, foi: "O quê?"

"Você não está na Estação Saumlaki. Você não está no setor Schedar."

Comecei a acordar corretamente. "Diga isso de novo."

"O erro de roteamento foi mais grave do que você foi levado a acreditar. Levou você muito além da Bolha Local."

Procurei raiva, até ressentimento, mas tudo o que senti foi uma sensação vertiginosa de queda. "Quão longe?"

"Mais longe do que você pensava possível."

A próxima pergunta era óbvia.

"Além da Fenda?"

"Sim", ela disse, com o mais leve dos sorrisos, como se me estivesse humilhando em um jogo cujas regras e objetivos ela achava degradantes. "Além da Fenda de Áquila. Muito, muito além dela."

"Preciso saber, Greta."

Ela se afastou da cama, alcançou um roupão. "Então vista-se. Eu lhe mostrarei."

* * *

SEGUI GRETA EM um estado atordoado.

Ela me levou à cúpula novamente. Estava escuro, como na noite anterior, com apenas as mesas iluminadas por lâmpadas servindo como faróis. Supus que a iluminação em toda a Estação Saumlaki (ou onde quer que estivéssemos) estava ao sabor de seus ocupantes, e não precisava seguir nenhum ciclo diurno reconhecível. Ainda assim, era perturbador encontrá-la mudada tão arbitrariamente. Mesmo se Greta tivesse autoridade para apagar as luzes quando quisesse, ninguém mais se opunha?

Mas eu não vi mais ninguém para se opor. Não havia mais ninguém por perto; apenas um manequim de vidro de pé, em posição de sentido, com um guardanapo sobre um braço.

Ela nos sentou em uma mesa. "Quer uma bebida, Thom?"

"Não, obrigado. Por alguma razão, não estou muito no clima."

Ela tocou meu pulso. "Não me odeie por mentir para você. Foi feito por bondade. Eu não poderia revelar a verdade de uma só vez."

Afastei minha mão bruscamente. "Não deveria eu ser o juiz disso? Então qual é a verdade, exatamente?"

"Não é boa, Thom."

"Diga, então eu decido."

Não a vi fazer nada, mas de repente a cúpula estava cheia de estrelas novamente, como na noite anterior.

A vista sacudiu, ampliando para fora. Estrelas passaram voando de todos os lados, como uma chuva de granizo branco. Nebulosas passaram como espectros. A sensação de movimento era tão convincente que me vi agarrando a mesa, tomado por vertigens.

"Calma, Thom", Greta sussurrou.

A vista sacudiu, desviou, contraiu. Uma parede sólida de gás passou. Agora, de repente, tive a sensação de que estávamos fora de algo—que havíamos ultrapassado alguma esfera contenedora, definida apenas em arcos vagos e nós de gás coalhado, onde a densidade do gás interestelar aumentava acentuadamente.

Claro. Era óbvio. Estávamos além da Bolha Local.

E ainda estávamos recuando. Vi a própria Bolha se contrair, tornando-se apenas um membro na espuma maior de vazios. Em vez de estrelas individuais, vi apenas manchas e partículas, agregações de centenas de milhares de sóis. Era como recuar de uma visão aproximada de uma floresta. Eu ainda podia ver clareiras, mas as árvores individuais haviam desaparecido em uma massa amorfa.

Continuamos recuando. Então a expansão diminuiu e congelou. Eu ainda podia distinguir a Bolha Local, mas apenas porque estivera me concentrando nela o tempo todo. Caso contrário, não havia nada para distingui-la das dezenas de vazios circundantes.

"É tão longe que chegamos?" eu perguntei.

Greta balançou a cabeça. "Deixe-me mostrar uma coisa."

Novamente, ela não fez nada que eu percebesse. Mas a Bolha que eu estivera olhando foi subitamente preenchida com uma rede de linhas vermelhas, como um rabisco de criança.

"Conexões de abertura", eu disse.

Tão chocado quanto estava pelo fato de ela ter mentido para mim—e tão temeroso quanto eu estava sobre o que a verdade poderia guardar—não conseguia desligar a parte profissional de mim, a parte que se orgulhava de reconhecer tais coisas.

Greta acenou com a cabeça. "Essas são as principais rotas comerciais, as conexões bem mapeadas entre grandes colônias e hubs comerciais importantes. Agora vou adicionar todas as conexões mapeadas, incluindo aquelas que só foram atravessadas por acidente."

O rabisco não mudou dramaticamente. Ganhou alguns laços e grampos selvagens, incluindo um que alcançava além da parede da Bolha para tocar a extremidade voltada para o sol da Fenda de Áquila. Uma ou duas outras adições perfuravam a parede em direções diferentes, mas nenhuma delas alcançava tanto quanto a Fenda.

"Onde estamos?"

"Estamos em uma extremidade de uma dessas conexões. Você não pode vê-la porque está apontada diretamente para você." Ela sorriu levemente. "Eu precisava estabelecer a escala com que estamos lidando. Quão larga é a Bolha Local, Thom? Quatrocentos anos-luz, mais ou menos?"

Minha paciência estava se esgotando. Mas eu ainda estava curioso.

"Mais ou menos isso."

"E embora eu saiba que os tempos de viagem pela abertura variam de ponto para ponto, com fatores dependendo da topologia da rede e da otimização da sintaxe, não é o caso que a velocidade média é cerca de mil vezes mais rápida que a luz?"

"Mais ou menos."

"Então uma viagem de um lado da Bolha pode levar—o quê, meio ano? Digamos cinco ou seis meses? Um ano para a Fenda de Áquila?"

"Você já sabe disso, Greta. Ambos sabemos."

"Certo. Então considere isto." E a vista se contraiu novamente, a Bolha diminuindo, uma sucessão de estruturas sobrepostas a encobrindo, escuridão surgindo em ambos os lados, e então o familiar redemoinho espiral da Via Láctea aparecendo.

Centenas de bilhões de estrelas, agrupadas em faixas espumosas de espuma marinha.

"Esta é a vista", Greta disse. "Claro que melhorada, brilhante e filtrada para consumo humano—mas se você tivesse olhos com eficiência quântica quase perfeita, e se eles tivessem cerca de um metro de largura, isso é mais ou menos o que você veria se saísse da estação."

"Eu não acredito em você."

O que eu quis dizer foi que não queria acreditar nela.

"Acostume-se com isso, Thom. Você está muito longe. A estação está orbitando uma anã marrom na Grande Nuvem de Magalhães. Você está a cento e cinquenta mil anos-luz de casa."

"Não", eu disse, minha voz não mais do que um gemido de negação infantil.

"Você sentiu como se tivesse passado muito tempo no tanque. Você estava morto certo. Tempo subjetivo? Não sei. Anos, facilmente. Talvez uma década. Mas tempo objetivo—o tempo que passou em casa—é muito mais claro. Levou cento e cinquenta anos para o Blue Goose nos alcançar. Mesmo que você voltasse agora, você estaria ausente por trezentos anos, Thom."

"Katerina", eu disse, seu nome como uma invocação.

"Katerina está morta", Greta me disse. "Ela já está morta há um século."

* * *

COMO VOCÊ SE ajusta a algo assim? A resposta é que você não pode contar em se ajustar a isso. Nem todos o fazem. Greta me disse que já vira praticamente todas as reações possíveis no espectro, e a única coisa que aprendera era que era quase impossível prever como um determinado indivíduo receberia a notícia. Ela vira pessoas se ajustarem à revelação com pouco mais do que um encolher de ombidos cansado do mundo, como se fosse apenas a última de uma linha de surpresas irritantes que a vida lhes jogara, não pior em seu caminho do que doença ou luto ou qualquer número de contratempos pessoais. Ela vira outros irem embora e se matarem meia hora depois.

Mas a maioria, ela disse, acabava chegando a algum tipo de acomodação com a verdade, por mais vacilante e doloroso que fosse o processo.

"Confie em mim, Thom", ela disse. "Eu te conheço agora. Sei que você tem a força emocional para superar isso. Sei que você pode aprender a viver com isso."

"Por que você não me contou logo de cara, assim que saí do tanque?"

"Porque eu não sabia se você seria capaz de aceitar."

"Você esperou até depois de saber que eu tinha uma esposa."

"Não", Greta disse. "Esperei até depois de termos feito amor. Porque então eu sabia que Katerina não podia significar tanto para você."

"Vá se foder."

"Me foder? Sim, você fez. Esse é o ponto."

Eu queria atacar contra ela. Mas o que me deixava com raiva não era sua insinuação, mas a verdade impiedosa disso. Ela estava certa, e eu sabia. Só não queria lidar com isso, mais do que queria lidar com o aqui e agora.

Esperei a raiva passar.

"Você diz que não somos os primeiros?" eu disse.

"Não. Nós fomos os primeiros, eu acho—a nave em que eu vim. Felizmente, estava bem equipada. Após o erro de roteamento, tínhamos suprimentos suficientes para montar uma estação autossustentável na rocha mais próxima. Sabíamos que não havia volta, mas pelo menos poderíamos fazer algum tipo de vida para nós aqui."

"E depois disso?"

"Tivemos o suficiente para fazer apenas para nos manter vivos, nos primeiros anos. Mas então outra nave veio através da abertura. Danificada, à deriva, muito parecida com o Blue Goose. Nós a rebocamos, esquentamos sua tripulação, demos a notícia a eles."

"Como eles reagiram?"

"Bem como você esperaria." Greta riu oco para si mesma. "Alguns enlouqueceram. Outro se matou. Mas pelo menos uma dúzia deles ainda está aqui. Honestamente, foi bom para nós que outra nave chegasse. Não apenas porque eles tinham suprimentos que podíamos usar, mas porque nos ajudou a ajudá-los. Tirou nossas mentes de nossa própria autopiedade. Isso nos fez perceber o quão longe havíamos chegado, e quanta ajuda esses recém-chegados precisavam para fazer a mesma transição. Essa não foi a última nave, também. Passamos pelo mesmo processo com oito ou nove outras, desde então." Greta olhou para mim, sua cabeça inclinada contra a mão. "Há um pensamento para você, Thom."

"Existe?"

Ela acenou com a cabeça. "É difícil para você agora, eu sei. E será difícil para você por algum tempo. Mas pode ajudar ter outra pessoa para se importar. Pode suavizar a transição."

"Como quem?" eu perguntei.

"Como um dos outros membros da sua tripulação", Greta disse. "Você poderia tentar acordar um deles, agora."

* * *

GRETA ESTÁ COMIGO quando eu tiro Suzy do tanque de imersão.

"Por que ela?" Greta pergunta.

"Porque eu quero ela fora primeiro", digo, imaginando se Greta está com ciúmes. Não a culpo: Suzy é linda, mas também inteligente. Não há uma operadora de sintaxe melhor na Ashanti Industrial.

"O que aconteceu?" Suzy pergunta, quando supera a sonolência. "Conseguimos voltar?"

Pergunto que ela me diga a última coisa que lembra.

"Alfândega", Suzy diz. "Aqueles idiotas em Arkangel."

"E depois disso? Mais alguma coisa? As runas? Lembra de lançá-las?"

"Não", ela diz, então percebe algo na minha voz. O fato de eu talvez não estar dizendo a verdade, ou contando tudo que ela precisa saber. "Thom. Vou perguntar de novo. Conseguimos voltar?"

Um minuto depois, estamos colocando Suzy de volta no tanque.
Não funcionou da primeira vez. Talvez na próxima tentativa.

* * *

MAS CONTINUOU NÃO funcionando com Suzy. Ela sempre foi mais esperta e rápida do que eu; sempre fora. Assim que saía do tanque, sabia que havíamos ido muito mais longe do que o setor Schedar. Ela estava sempre à frente de minhas mentiras e desculpas.

"Foi diferente quando aconteceu comigo", eu disse a Greta, quando estávamos deitados um ao lado do outro novamente, dias depois, com Suzy ainda no tanque. "Eu tinha todas as dúvidas persistentes que ela tem, acho. Mas assim que a vi parada ali, esqueci tudo isso."

Greta acenou com a cabeça. Seu cabelo caía sobre seu rosto em cortinas desgrenhadas e emaranhadas pelo sono. Ela tinha um fio dele entre os lábios.

"Ajudou, ver um rosto amigável?"

"Tirou minha mente do problema, com certeza."

"Você vai chegar lá no final", ela disse. "De qualquer forma, do ponto de vista de Suzy, você também não é um rosto amigável?"

"Talvez", eu disse. "Mas ela estava me esperando. Você foi a última pessoa no mundo que eu esperava ver ali."

Greta tocou a junta do dedo no lado do meu rosto. Sua pele lisa deslizou contra a barba por fazer. "Está ficando mais fácil para você, não é?"

"Não sei", eu disse.

"Você é um homem forte, Thom. Eu sabia que você superaria isso."

"Ainda não superei", eu disse. Senti-me como um equilibrista a meio caminho das Cataratas do Niágara. Era um milagre que eu tivesse chegado tão longe. Mas isso não significava que eu estivesse em casa e seco.

Ainda assim, Greta estava certa. Havia esperança. Eu não sentira espasmos esmagadores de dor pela morte de Katerina, ou ausência forçada, ou como quer que se chamasse. Tudo o que senti foi um arrependimento agridoce, como alguém poderia sentir sobre uma herança quebrada ou um animal de estimação perdido há muito tempo. Não sentia animosidade por Katerina, e sentia falta de nunca mais vê-la. Mas sentia falta de não ver muitas coisas. Talvez ficasse pior nos próximos dias. Talvez eu estivesse apenas adiando um colapso.

Eu não achava.

Enquanto isso, continuei tentando encontrar uma maneira de lidar com Suzy. Ela se tornara um quebra-cabeça que eu não conseguia deixar sem solução. Eu poderia simplesmente acordá-la e deixá-la lidar com a notícia da melhor maneira possível, mas isso parecia cruel e insatisfatório. Greta me contara gentilmente, dando-me tempo para me estabelecer em meus novos arredores e dar aquele passo necessário para longe de Katerina. Quando ela finalmente dera a notícia, por mais chocante que fosse, não me destruíra. Eu já estivera preparado para isso, a picada tirada da surpresa. Dormir com Greta obviamente ajudara. Não podia oferecer a Suzy o mesmo consolo, mas tinha

certeza de que havia uma maneira de persuadir Suzy ao mesmo estado de quase aceitação.

Vez após vez, acordávamos e tentávamos uma abordagem diferente. Greta disse que havia uma janela de alguns minutos antes que os eventos que ela estava experimentando começassem a se transferir para a memória de longo prazo. Se a nocauteássemos, o buffer de memórias no armazenamento de curto prazo era apagado antes mesmo de atravessar o hipocampo para o recall de longo prazo. Dentro dessa janela, poderíamos acordá-la quantas vezes quiséssemos, tentando permutações infinitas do cenário de reanimação.

Pelo menos era o que Greta me dissera.

"Não podemos continuar fazendo isso indefinidamente", eu disse.

"Por que não?"

"Ela não vai se lembrar de alguma coisa?"

Greta encolheu os ombros. "Talvez. Mas duvido que ela atribua qualquer significado a essas memórias. Você nunca teve sentimentos vagos de déjà vu ao sair do tanque de imersão?"

"Às vezes", admiti.

"Então não se preocupe com isso. Ela ficará bem. Eu prometo."

"Talvez devêssemos apenas mantê-la acordada, afinal."

"Isso seria cruel."

"É cruel continuar acordando-a e desligando-a, como uma boneca de brinquedo."

Houve um engasgo em sua voz quando ela me respondeu.

"Continue tentando, Thom. Tenho certeza de que você está perto de encontrar um jeito, no final. Está ajudando você, focar na Suzy. Sempre soube que ajudaria."

Comecei a dizer algo, mas Greta pressionou um dedo contra meus lábios.

* * *

GRETA ESTAVA CERTA sobre Suzy. O desafio me ajudou, tirando minha mente da minha própria situação. Lembrei-me do que Greta dissera sobre lidar com outras tripulações na mesma situação, antes do Blue Goose chegar. Claramente, ela aprendera muitos truques psicológicos: estratagemas e atalhos para ajudar na transição para o bem-estar mental. Senti um leve ressentimento por ser manipulado tão efetivamente. Mas ao mesmo tempo não podia negar que me preocupar com outro ser humano me ajudara com meu próprio ajuste. Quando, dias depois, me afastei do problema imediato de Suzy, percebi que algo estava diferente. Não me sentia longe de casa. Sentia-me, de forma estranha, privilegiado. Eu viera mais longe do que quase qualquer um na história. Eu ainda estava vivo, e ainda havia pessoas por perto para fornecer amor e parceria e uma teia de relações sociais. Não apenas Greta, mas todas as outras almas azaradas que acabaram na estação.

Se alguma coisa, parecia haver mais delas do que quando eu cheguei. Os corredores—esparsamente povoados no início—estavam cada vez mais movimentados, e quando comíamos sob a cúpula—sob a Via Láctea—não éramos os únicos comensais. Estudei seus rostos iluminados por lâmpadas, confortado por sua vaga familiaridade,

perguntando-me que tipos de histórias eles tinham para contar; de onde vieram, quem deixaram para trás, como se ajustaram à vida aqui. Havia tempo suficiente para conhecer todos eles. E o lugar nunca ficaria chato, pois a qualquer momento—como Greta insinuara—poderíamos sempre esperar que outra nave perdida caísse pela abertura. Tragédia para a tripulação, mas novos desafios, novos rostos, novas notícias de casa, para nós.

No geral, não era realmente tão ruim.

Então cliquei.

Foi o homem limpando o peixe que o fez, no saguão do hotel. Não foi apenas a familiaridade do processo, mas o próprio homem.

Eu o vira antes. Outra lagoa cheia de carpas doentes. Outro hotel.

Então lembrei-me dos dentes ruins de Kolding e lembrei como me lembraram de outro homem que conhecera muito antes. Exceto que não era outro homem. Nome diferente, contexto diferente, mas tudo o mais o mesmo. E quando olhei para os outros comensais, realmente olhei, não havia ninguém que eu não pudesse jurar que não tinha visto antes. Nenhum rosto que me atingisse com a força da completa falta de familiaridade.

O que deixou Greta.

Eu disse a ela, sobre vinho, sob a Via Láctea: "Nada aqui é real, não é?"

Ela olhou para mim com uma tristeza infinita e balançou a cabeça.

"E a Suzy?" eu perguntei.

"Suzy está morta. Ray está morto. Eles morreram em seus tanques de imersão."

"Como? Por que eles, e não eu?"

"Algo sobre partículas de tinta bloqueando filtros de admissão. Não o suficiente para fazer diferença em curtas distâncias, mas o suficiente para matá-los na viagem para cá."

Acho que alguma parte de mim sempre suspeitara. Pareceu menos um choque do que uma decepção brutal.

"Mas Suzy parecia tão real", eu disse. "Até o jeito que ela tinha dúvidas sobre quanto tempo estivera no tanque... até o jeito que ela se lembrava de tentativas anteriores de acordá-la."

O manequim de vidro se aproximou de nossa mesa. Greta o afastou com a mão.

"Eu a fiz convincente, do jeito que ela teria agido."

"Você a fez?"

"Você não está realmente acordado, Thom. Você está sendo alimentado com dados. Toda esta estação está sendo simulada."

Bebi meu vinho. Esperava que de repente tivesse um gosto fino e sintético, mas ainda tinha gosto de um vinho muito bom.

"Então eu também estou morto?"

"Não. Você está vivo. Ainda em seu tanque de imersão. Mas ainda não o trouxe à consciência plena."

"Tudo bem. A verdade desta vez. Eu posso lidar. Quanto é real? A estação existe? Estamos realmente tão longe quanto você disse?"

"Sim", ela disse. "A estação existe, exatamente como eu disse. Ela apenas parece... diferente. E está na Grande Nuvem de Magalhães, e está orbitando uma anã marrom."

"Você pode me mostrar a estação como ela é?"

"Eu poderia. Mas não acho que você esteja pronto para isso. Acho que você acharia difícil se ajustar."

Não pude deixar de rir. "Mesmo depois do que já me ajustei?"

"Você só fez metade da jornada, Thom."

"Mas você a fez."

"Eu fiz, Thom. Mas para mim foi diferente." Greta sorriu. "Para mim, tudo foi diferente."

Então ela fez o show de luzes mudar novamente. Nenhum dos outros comensais pareceu notar quando começamos a ampliar em direção à Via Láctea, colidindo com a espiral, arrombando cardumes de estrelas e nuvens de gás periféricas. A paisagem familiar da Bolha Local apareceu.

A imagem congelou, a Bolha uma entre muitas dessas estruturas.

Novamente ela se encheu com o rabisco violento vermelho da rede de abertura. Mas agora a rede não era a única. Era meramente uma bola de fio vermelho entre muitas, espaçadas por dezenas de milhares de anos-luz. Nenhum dos rabiscos se tocava, ainda—na forma como eram moldados, na forma como quase se justapunham, era possível imaginar que uma vez estiveram conectados. Eram como as formas de continentes em um mundo com deriva tectônica.

"Costumava abranger a galáxia", Greta disse. "Então algo aconteceu. Algo catastrófico, que ainda não entendo. Uma fragmentação, em domínios vastamente menores. Normalmente algumas centenas de anos-luz de diâmetro."

"Quem fez isso?"

"Eu não sei. Ninguém sabe. Eles provavelmente não estão mais por perto. Talvez tenha sido por isso que se fragmentou, por negligência."

"Mas nós a encontramos", eu disse. "A parte dela perto de nós ainda funcionava."

"Todos os elementos desconectados ainda funcionam", Greta disse. "Você não pode cruzar de domínio para domínio, mas caso contrário as aberturas funcionam como foram projetadas. Exceto, claro, o erro ocasional de roteamento."

"Tudo bem", eu disse. "Se você não pode cruzar de domínio para domínio, como o Blue Goose chegou tão longe? Nós viemos muito mais longe do que algumas centenas de anos-luz."

"Você está certo. Mas então uma conexão de longa distância pode ter sido projetada de forma diferente das outras. Parece que os links para a Nuvem de Magalhães eram mais resistentes. Quando os domínios se fragmentaram uns dos outros, as conexões que se estendiam além da galáxia permaneceram intactas."

"Nesse caso, você pode cruzar de domínio para domínio", eu disse. "Mas você tem que vir até aqui primeiro."

"O problema é que muitos não querem continuar a jornada neste ponto. Ninguém vem aqui deliberadamente, Thom."

"Ainda não entendo. O que importa para mim se há outros domínios? Essas regiões da galáxia estão a milhares de anos-luz da Terra, e sem as aberturas não teríamos como alcançá-las. Elas não importam. Não há ninguém lá para usá-las."

O sorriso de Greta era coquete, conhecedor.

"O que te faz tão certo?"

"Porque se houvesse, não haveria naves alienígenas saindo da abertura aqui? Você me disse que o Blue Goose não foi o primeiro. Mas nosso domínio—aquele na Bolha Local—deve ser superado centenas para um por todos os outros. Se há culturas alienígenas lá fora, cada uma tropeçando em seu próprio domínio local, por que nenhuma delas jamais veio pela abertura, como nós fizemos?"

Novamente aquele sorriso. Mas desta vez ele gelou meu sangue.

"O que te faz pensar que não vieram, Thom?"

Estendi a mão e peguei sua mão, como ela pegara a minha. Peguei sem força, sem malícia, mas com a garantia de que desta vez eu realmente, sinceramente, queria dizer o que estava prestes a dizer.

Seus dedos apertaram os meus.

"Mostre-me", eu disse. "Quero ver as coisas como elas realmente são. Não apenas a estação. Você também."

Porque naquele momento eu percebera. Greta não apenas mentira para mim sobre Suzy e Ray. Ela mentira para mim sobre o Blue Goose também. Porque não éramos a última nave humana a passar.

Éramos os primeiros.

"Você quer ver?" ela perguntou.

"Sim. Tudo."

"Você não vai gostar."

"Eu serei o juiz disso."

"Tudo bem, Thom. Mas entenda isto. Eu já estive aqui antes. Já fiz isso um milhão de vezes. Eu cuido de todas as almas perdidas. E eu sei como funciona. Você não será capaz de suportar a realidade crua do que aconteceu com você. Você vai encolher-se dela. Você vai enlouquecer, a menos que eu substitua uma ficção calmante, um final feliz."

"Por que me dizer isso agora?"

"Porque você não precisa ver. Você pode parar agora, onde está, com uma ideia da verdade. Uma noção. Mas você não precisa abrir os olhos."

"Faça", eu disse.

Greta encolheu os ombros. Serviu-se de mais vinho, depois certificou-se de que minha própria taça estava cheia.

"Você pediu", ela disse.

Ainda estávamos de mãos dadas, dois amantes compartilhando uma intimidade. Então tudo mudou.

Foi apenas um flash, apenas um vislumbre. Como a vista de um quarto desconhecido se você acender as luzes por um instante. Formas e formatos, relações entre coisas. Vi cavernas, escavadas e ligadas, e coisas se movendo por essas cavernas, movimentando-se com a indústria frenética de toupeiras ou cupins. As coisas raramente

eram parecidas, mesmo no sentido mais superficial. Algumas moviam-se por ondas propulsoras de múltiplos membros com garras. Algumas se contorciam, placas lisas de carapaça rangendo contra a rocha vítrea dos túneis.

As coisas moviam-se entre cavernas nas quais jaziam os cascos de naves, quase todas muito estranhas para descrever.

E em algum lugar distante, em algum lugar perto do coração da rocha, em uma câmara matriarcal própria, algo batia mensagens para seus companheiros e ajudantes, membros anteriores rígidos e articulados batendo contra tímpanos esticados de pele finamente nervurada, algo que estivera esperando aqui por eternidades, algo que não queria nada além de cuidar das almas dos perdidos.

* * *

KATERINA ESTÁ COM SUZY quando me tiram do tanque de imersão.

É ruim—uma das piores reativações que já passei. Sinto como se cada veia do meu corpo tivesse sido preenchida com vidro finamente pulverizado. Por um momento, um longo momento, até a ideia de respirar parece insuperavelmente difícil, muito difícil, dolorosa demais para contemplar.

Mas passa, como sempre passa.

Depois de um tempo, posso não apenas respirar, como mover e falar.

"Onde—"

"Calma, Capitão", Suzy diz. Ela se inclina sobre o tanque e começa a me desconectar. Não posso deixar de sorrir. Suzy é esperta—não há uma operadora de sintaxe melhor na Ashanti Industrial—mas ela também é linda. É como ser cuidada por um anjo.

Pergunto-me se Katerina está com ciúmes.

"Onde estamos?" Tento novamente. "Parece que fiquei naquela coisa por uma eternidade. Algo deu errado?"

"Pequeno erro de roteamento", Suzy diz. "Nós sofremos alguns danos e eles decidiram me acordar primeiro. Mas não se preocupe com isso. Pelo menos estamos inteiros."

Erros de roteamento. Você ouve falar deles, mas espera que nunca aconteçam com você.

"Que tipo de atraso?"

"Quarenta dias. Desculpe Thom. Lá se vai nosso bônus."

Com raiva, bato na lateral do tanque de imersão. Mas Katerina avança em minha direção e coloca uma mão calmante em meu ombro.

"Está tudo bem", ela diz. "Você está em casa e seguro. Isso é tudo que importa."

Olho para ela e por um momento e lembro-me de outra pessoa, alguém em quem não pensava há anos. Quase lembro seu nome, e então o momento passa.

Assino com a cabeça. "Em casa e seguro."